

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Loução, Maria Dulce Costa Campos, 1958-

Pensamentos de fim de Verão

<http://hdl.handle.net/11067/7692>

<https://doi.org/10.34628/spc7-ff15>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T07:38:10Z com informação proveniente do Repositório

PENSAMENTOS EM FIM DE VERÃO

Maria Dulce Loução

DOI: <https://doi.org/10.34628/spc7-ff15>



Com o passar do tempo há registos que permanecem em beleza, materialidade e utilidade, e outros que se tornam obsoletos.

Hoje parece haver uma pressa de não persistir no tempo, de variar, saltitar, não tocar, de ser reversível e imaterial, anulando a presença da humanidade no planeta.

De facto muito mal temos feito ao Mundo. Mas também deixámos resíduos que ainda hoje, mesmo sendo um turista apressado com malas de rodinhas pela calçada, dizia que, mesmo agora os mais desatentos travam a corrida perante catedrais, palácios, cidades desaparecidas, ermidas e castelos, casas senhoriais e cemitérios.

Hoje, a arquitetura parece manifestar o desejo da efemeridade, como se não manipulasse espacialmente a presença do humano no território. A tecnologia procura uma pegada cada vez menos intrusiva na ordem natural, a mobilidade obriga a que não subsistam registos na paisagem. Até na morte tudo se dissolve em poeira.

Há, contudo, a necessidade transcendente de permanência, de essência, de imutabilidade, de aspiração à imortalidade, que as novas formas virtuais perpetuam sem fisicalidade, com memórias dissolvidas na velocidade do momento.

Há, na arquitetura construída com o propósito de dar à humanidade uma porção de infinito, com a espessura das paredes mestras a proteger do inverno e do estio, dos vãos que se abrem criteriosamente para albergar os raios de sol nascente e acolherem, no final do dia os últimos momentos do ocaso, das portadas que se encerram e entreabrem para gerir tamanha brutalidade celestial, dos compartimentos que se sucedem em sequência de portas com bandeiras transparentes, antevendo novos espaços por explorar, com desejo de cumprir o destino de proteção, de acolhimento, de colo, de retorno à essência que é o amor de mãe.

E a luz. A luz e a sombra que jogam às escondidas, dissimuladamente em penumbras variáveis ao longo do dia, modelando paredes e gravuras com reflexos dramáticos de caixilharias imaculadas. É este jogo de sombras chinesas que torna tangível a materialidade de revestimentos e adereços esquecidos em poltronas intemporais.

Estas arquiteturas têm alma, recordações de gerações vividas e por viver, têm destino, mesmo em ruínas. São seres vivos que também na morte são recordadas, porque perenes.

Vale a pena procurar fazer arquitetura sem Tempo, para com ele se tornar eterna na nossa memória.